

humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



conhecimento teórico consolidado já pelos especialistas do Latim Tardio e Medieval, que é o da deriva para o registo literário e para o registo corrente do Latim de determinadas linguagens técnicas: o Latim Jurídico é um dos casos mais felizes. O autor atesta a disposição da sociedade romana para a introdução do Direito na vida quotidiana, mas acrescentemos um aspecto de ordem sociológica que pode também explicar o manejo ambrosiano da linguagem jurídica: como bispo de um Império legalmente cristão mas fragilizado pela decadência das estruturas administrativas tradicionais, Ambrosio não governou só almas. Enquanto jovem filho do Prefeito das Gálias, chegou a desempenhar a carreira de advogado, e foi Governador das províncias setentrionais da Itália. Interessaria saber, portanto, se a linguagem jurídica usada por Ambrosio é específica desta Homilia, o que constituiria matéria de juízo quanto ao propósito da mesma, ou é uma característica do estilo de Ambrosio.

Trata-se de uma colecção notável de contribuições científicas para o estudo da Antiguidade Tardia, incontornável tanto para os que procuram situar-se nas características gerais da cultura tardia pagã e cristã, em Língua Grega e em Língua Latina, quer procurem informação específica sobre um dos muitos autores estudados sob os mais variados ângulos. As novidades são muitas, e o que há a aprender sobre esta Época da história da humanidade não é menos, por isso louve-se a utilidade e a oportunidade desta colectânea.

Como aspectos menos bem sucedidos numa publicação desta dimensão e deste nível científico, temos a ausência de resumos, seja no *incipit* de cada uma das trinta colaborações, seja como elenco, no início ou no final da obra; bem como de índices mais detalhados. É apresentado um índice de nomes (pp. 781-804), mas como situar o interessante tema da 'paráfrase latina'; da 'epopeia'; ou da 'hagiografia'? São detalhes que se tomam mais visíveis, dada a variedade e dispersão de abordagens, de que não discutimos, isoladamente consideradas, a qualidade.

PAULA BARATA DIAS

HINGLEY, Richard, *Globalizing Roman Culture. Unity, Diversity and Empire*, London-New York, Routledge, 2005, 192 pp. ISBN: 0415351758 (Hb), 0415351766 (Pb).

R. Hingley, arqueólogo e investigador na área da cultura imperial romana, debate, ao longo de seis capítulos, com vastas notas e extensa bibliografia, o problema da romanização e a forma da aculturação dos povos conquistados, promovida por Roma, especialmente na era de Augusto.

No primeiro capítulo, "The Past in the Present" (pp. 1-13), Hingley propõe-se demonstrar como é que grande parte do mundo foi culturalmente incorporada no império romano, apoiado nas evidências da arqueologia e na herança material. Em forte conexão com a actualidade, Hingley rebate as noções de que os sistemas de domínio no mundo pré-moderno não têm traços comuns à conectividade global do mundo contemporâneo, nem a capacidade para a integração política e cultural à distância, afirmando a existência de métodos poderosos de integração social e cultural no império de Augusto, uma das culturas mais pragmáticas da civilização ocidental e em que se assiste ao desenvolvimento de uma identidade cultural distinta.

No segundo capítulo, "Changing Concepts of Roman Identity and Social Change" (pp. 14-48), o autor, afastado programaticamente das perspectivas teleológicas, defende a ideia de que o império foi sistematicamente interpretado a partir de um sistema de projecção das sensibilidades do presente sobre a Antiguidade, em estreita conexão com a necessidade de caucionar os impérios ocidentais. Depois de debater as 'vicissitudes' da escola modernista, no contexto da definição de Romanização, que assentava numa perspectiva de fortes conotações romanocêntricas, propõe o abandono do termo em benefício da adopção do conceito de 'globalização', mais acomodado a uma discussão que privilegia duas vertentes estruturantes, agora observadas, no contexto da expansão do império: perspectiva global e diversidade cultural regional; e relação entre unidade e diversidade. As ideias sobre a diversidade regional do mundo mediterrânico e da Europa Ocidental, proporcionadas pela arqueologia, bem como o contributo das perspectivas nativistas, que centralizam o contexto das identidades locais, reformulam o espaço de análise dos estudos do império, nos quais o contexto local das sociedades provinciais e as suas identidades híbridas ganham importância em detrimento de uma análise histórica que sempre privilegiou o império enquanto reflexo de um inquestionado processo de avanço da barbárie para a civilização.

No terceiro capítulo, "Roman Imperialism and Culture" (pp. 49- 71), Hingley debate a noção de "cultura", discute a cultura de elite e a forma como o discurso imperial reflecte essa cultura, no sentido de promover uma complexa série de adequações entre a aristocracia imperial e as várias elites locais dos povos conquistados, gradualmente incorporadas, e cuja maior ambição seria a de manter a sua influência e posição, quer no sistema de origem, quer junto do sistema imperial. A estratégia de criação de cidadãos, apoiada numa educação das elites provinciais que promovia a criação de padrões referenciais universalizantes e de tipos relativamente uniformes de comportamentos, constituiu-se como um dos principais factores da absorção das regras culturais e identitárias

romanas ao longo do império. Essa incorporação beneficiou, além disso, da imagem de extrema maleabilidade e das formas flexíveis pelas quais o poder imperial era exercido nos territórios conquistados, uma vez que o poder militar, cultural e religioso de Roma fornecia apenas unidade às variações locais.

No quarto capítulo, "The Material Elements of Elite Culture" (pp. 72-90), Hingley apoia as ideias defendidas no capítulo anterior em evidências fornecidas pela "cultura material". A projecção da identidade romana através da cultura material, de forma distinta ao longo do império, apresenta uma constante que resulta da própria natureza simbólica dos elementos materiais, activamente criados para ajudar a estabelecer e contrastar papéis e relações. Com especial ênfase no tópico da criação do espaço urbano (para o qual convoca os casos de *Tarraco*, na *Hispania*, e *Verulamium*, na *Britannia*), Hingley defende que as Províncias eram encorajadas a imitar a organização espacial e arquitectónica de Roma. O espaço urbano e os elementos que os integram (arte, arquitectura, inscrições em monumentos, etc.) foram determinantes para a projecção do sentido do poder imperial e, conseqüentemente, das ideias de ordem e estabilidade.

No quinto capítulo, "Fragmenting Identities" (pp. 91-116), analisa-se a adopção da cultura material pelas não-elites do império, com ênfase no caso dos soldados. A constatação de que a adopção de itens da cultura material era elevada (como o testemunha a presença de cerâmica, mesmo nas áreas mais pobres e menos aculturadas) não deixa, no entanto, de ser debatida no quadro da possibilidade de a adopção de tais elementos terem resultado ou não do desejo consciente de associação ao poder e à identidade de Roma.

No sexto capítulo, "Back to the Future? Empire and Rome" (pp. 117-120), o autor recupera a ligação de Roma ao mundo contemporâneo e defende a necessidade do estudo do império à luz do conceito de globalização.

O livro de Hingley traz algumas satisfações no tocante à questão, que acaba por se tornar central na obra, e que se traduz na mudança de perspectiva teórica na abordagem do tema da expansão do império e das formas pelas quais essa expansão se realizou. Analisada agora a questão à luz das mais recentes teorias sociais e económicas, emanadas do contexto pos-modernista, o livro tem a vantagem de trazer à colação temas tradicionalmente dissociados das abordagens mais clássicas, de que se constituem exemplos máximos as questões da diversidade cultural do império e da variedade inerente às formas de aculturação dos povos conquistados. Parece-nos, no entanto, que a proposta de abandono do termo Romanização parte de uma visão demasiado simplista do conceito, e já de si abandonada enquanto tal em estudos recentes, que o autor define como "o simples progresso da barbárie para a civilização". O cotejo com o mundo contemporâneo,

campo fértil à identificação de processos de analogia entre mundo antigo e actualidade, produz igualmente algumas discussões meritórias.

CLÁUDIA A. AFONSO TEIXEIRA

HUERGA, Cipriano de la, *Obras completas, vol. X, Nuevos escritos y testimonios. índices*. Al cuidado de Juan Francisco Domínguez Domínguez, Universidad de León, *Colección Humanistas españoles* 31, 2005, 306 p. ISBN: 9788497732130.

Dando continuidade ao ambicioso trabalho de edição e estudo da obras de grandes humanistas espanhóis, é este o volume X, dedicado ao monge cisterciense, Cipriano de la Huerga (que tomou hábito em 1527 no mosteiro de Nogales, estudou e ensinou em Alcalá de Henares e morreu a 4 de Fevereiro de 1560).

Professor de Sagrada Escritura na Universidade de Alcalá, foi um notável teólogo e bibliista, mestre de Fray Luis de León e de Benito Arias Montano, e autor de obras teológicas, de exegese bíblica, de pedagogia, de oratória civil, ético-política, de literatura de intervenção.

Contam-se, entre as principais obras: *In Psalmum CXXX* (Lovaina, 1549; Alcalá, 1555); *In Psalmum XXXVIII* (Alcalá, 1555); *In Librum Beati Iob; Cantica canticorum; De opificio mundi* (manuscrito); *De symbolis mosaicis* (manuscrito); *De ratione musicae et instrumentorum apud veteres hebraeos* (manuscrito); *Sermón del Maestro Fray Cipriano delante del Rector y Universidad de Alcalá el día que se levantaron los pendones por el rey don Philippe nuestro señor* (Alcalá, 1555); *Competencia de la hormiga con el hombre* (Alcalá, 1599), dedicado à Princesa Regente — mãe do futuro rei de Portugal, D. Sebastião — Joana de Austria. Na verdade, este cisterciense, professor na Universidade de Alcalá, foi assessor da princesa, governante de Espanha e das índias na ausencia de seu irmão Filipe II, na Flandres.

Para contextualizar o volume X, que agora nos ocupa, enunciaremos a obra de Frei Cipriano de la Huerga, anteriormente publicada nesta colecção de *Humanistas españoles*, de I-IX: *Obra completas I (Prolegómenos y testimonios literarios. Sermón de los pendones — 1990)*; II e III, respectivamente (*Comentarios al libro de Job - 1- e 2- parte — 1992 e 1994*); IV (*Comentario a los Salmos XXXVIII y CXXX — 1993*); V e VI (*Comentario al Cantar de los Cantares -1- parte e 2- parte — 1991*); VII (*Comentario al profeta Nahum — 1994*); VIII (*Competencia de la hormiga con el hombre. Cartas. Pareceres — 1994*); IX (*Estudio monográfico colectivo*).

O volume X é o culminar de um projecto colectivo da Universidade de Leão de publicar e estudar a obra de Cipriano de Huerga, um humanista leonés do